

De uma carta para sua tia Maria

Oviedo, 8 de **Novembro** de 1935

Querida tia Maria:

Não me admira nada o que me dizes da consolação e paz que o Senhor te deu ao leres São João da Cruz. Aconteceu o mesmo comigo...

Um dia antes tínhamos lido em Sonsoles: "Não colherei as flores nem temerei as feras..." Pois bem, percorri todo o caminho com este pensamento e a ajuda de Maria. Via passar as povoações, pessoas e paisagens e com o volante apertado nas mãos e - porque não? - com muita vontade de chorar, continuava, continuava estrada fora sem me deter.

Acabava de deixar em Ávila muitas flores das de São João da Cruz: o Senhor pede-me que continue e não me detenha. Que fazer? Pois, o mesmo de sempre: olhar para o alto, muito alto, e continuar sem me deter. Faz tu o mesmo. Nossa Senhora olha para ti e Deus ajuda-te. Não te importes se choras ou ris: tudo vai dar ao mesmo. O barro é sempre barro e não nos podemos mudar. O que importa é que esse barro seja de Deus, que Ele faça o que quiser e que tudo nos leve a Ele.

Como é difícil não colher as flores! E também como é fácil! Uma vez terminado o arrancão, Deus atrai de tal maneira e com tal suavidade que não custa nada. Que importa chorar?... Chora tudo quanto puderes, ri-te e goza quanto puderes: que mais dá? Acredita, irmã, no dia em que o compreenderes, no dia em que estiveres desprendida de tudo e de ti mesma, então verás que o que nos acontece já não nos importará: nem o sofrer, o gozar atrairão a nossa atenção: nessa altura, veremos melhor a Deus. Não olhemos tanto para nós próprios; e se nos olharmos e analisarmos que seja para procurar esse Deus escondido que temos em nós.

No outro dia, mesmo no meio da minha aflição e da minha pena, havia momentos em que, esquecendo-me de tudo, gozava de Deus no **meio** da estrada. Passava tudo tão depressa!... Era tudo tão pequeno, inclusive eu, tão insignificante aos olhos de Deus; tinha tanta pressa em vê-Lo que não sabia o que fazia. "Nem colherei as flores". Pensava: "que flores?" Alguma vez colhi flores? Não, não **posso deter-me**. Mesmo que quisesse não poderia. Não é preciso fazer esforço, não necessito deter-me; e, mesmo que quisesse, não poderia: Deus não me deixa.

Que alegria, Senhor! Manda-me seja o que for: ou flores ou espinhos, que importa? Não vou deter-me a olhar para nada, pois com olhar para Ti já tenho bastante. Enches de tal maneira, amas de tal modo, que tudo desaparece diante de Ti, e ficamos sem nada! Que alegria, Senhor, poder ver-Te a Ti e não ver-nos a nós! Que mais dá, flores ou espinhos se és Tu quem no-los dá, quem no-los leva e quem no-los tira? Nós não fazemos nada, pois nada sabemos fazer: és Tu quem faz tudo! Nós, se falamos de cruz, é para nos queixarmos com egoísmo; se procuramos consolação buscamos-nos a nós mesmos; se queremos amar-Te, fazemo-lo com mesquinhez, e não sabemos.

Que alegria, Senhor, pensar que Tu nos fazes tudo! Então, tudo é grande e lindo. Senhor, não **posso** deter-me porque se me detenho, é **para** procurar a mim mesmo, e em mim não encontro nada que valha a pena. Tenho de continuar até Ti: que me importam as flores? Que me importam os espinhos? Tenho-Te a Ti, tenho o teu amor, tenho tudo! Que alegria ver-me nada e sem nada! Custa muito desprender-me, mas uma vez desprendido, voa-se melhor.

Continuava a viagem a Oviedo com estes pensamentos. Deixava muitas coisas **em** ambos os lados do caminho. Deus estava **à** minha espera, lá ao fundo, no horizonte, e não podia deter-me, nem eu queria!

Chegámos a Oviedo às seis e meia. **Almoçámos** em León e fizemos boa viagem, sem que ninguém enjoasse.

Ao chegar a Oviedo, não pensava mais que em procurar uma oportunidade e pedir a Nossa Senhora para falar a meu pai, tão bom cristão. Não sossegava inquieto: o meu segredo não me deixava tranquilo.

Na terça-feira de manhã perguntei ao Senhor o que deveria fazer, e deu-me a entender que deveria dar o passo naquele mesmo dia, e que Ele estaria comigo. De tarde fui **efectivamente** com o meu pai fazer uma visita ao Senhor. **Agarrei-me** à Senhora e, ao sair da igreja, expus-lhe tudo com toda a calma e claridade. Poucos minutos depois, ajoelhei-me aos pés da Santíssima Virgem para Lhe agradecer. E podes crer que ainda continuo.

Que grande é Deus e quanto **nos** ama! Se tu soubesses... **Dei** a meu pai uma **alegria**. Disse-me que não queria mais do que a minha felicidade; que queria que eu me santificasse para o santificar a ele; que Deus gostava muito de nós, que lhe parecia muito bem, muito lógico e muito justo o que lhe pedia; e **dizia** que sempre me ajudaria. Enfim, uma generosidade que só a caridade de Cristo poderia suscitar; que me fosse embora quando quisesse, que só me pedia que, **no** mosteiro, o ajudasse a pôr-se nas mãos de Deus em tudo e para tudo; que tinha feito entrega da sua vontade à de Deus e que, sobretudo, que fosse

muito santo para mim e para ele. Como não amar a Deus, como não inundar-se Dele! Pensei que ficava louco de alegria, Como gosto dele...! Que fiz eu, meu Deus? De que valem os sofrimentos e as lágrimas se, à custa delas, vemos estes resultados?

Deus ouviu-me e ouve-me, sei-o e vejo-o; não sei onde meter-me. Sabia que Deus me amava, **mas** tanto...! Ama-O muito. Talvez entre os **dois** possamos fazer alguma coisa. Eu não sei. Vejo-me tão impotente, tão pequenino, que não sei; ama-O muito, por tudo o que a mim me falta, peço-te. Se **tu** soubesses não choravas nem rias; não saberias mais do que isto: amar. O que eu desejo é mandar-te isto: muito amor a Jesus, a esse Jesus que não faz mais do que dar, e que dá, mesmo sem receber nada.

Não voltarei para a Trapa senão depois do Natal, para dar essa consolação aos meus pais.

Generosidade com generosidade se paga.

Frei Maria Rafael

De "O meu caderno"

Como suspira o veado pelas correntes das águas...

9 de **Dezembro** de 1936

Ânsias de vida eterna..., ânsias de voar para a verdadeira vida..., ânsias da alma que, sujeita ao corpo, geme por ver a Deus.

Grande sofrimento o de viver quando, na vida, só resta o sonho de morrer..., o sonho da morte..., a esperança **de** acabar para começar...,

Ânsias da vida eterna esvoaçam pelo Coro da igreja quando as sombras da noite envolvem o Mosteiro.

Num relógio, batem as quatro e meia!...

O frio penetra muito dentro, muito dentro..., o corpo estremece levemente, **uma e outra vez...**; não importa..., virá o meio-dia e, com ele, o **Sol**, e haverá calor e luz, e a alegria do seu resplendor chegará a esse corpo de homem que agora tiritia no Coro da igreja.

A alma também tem frio...; lá num dos seus recantos cintila uma chamazinha..., uma chamazinha muito **ténue** de amor de Deus. A alma vê-a e **esforça-se** por avivar essa chama que brilha tão **ténue** na obscuridade de tudo.

Ânsias de amar a Deus: padecimento da alma...; ânsias de estar com Cristo...

É inútil voar com grilhões, e grilhão frio é a vida para a alma. Ânsias de morrer, desejos de liberdade e de amor **a** Deus...

Na terra está frio...: é o frio da vida mortal..., é o frio do peregrino sem casa nem lar, numa "terra deserta e intransitável". A alma suspira por se ver em breve livre da carne que **a** prende e a atormenta..., tudo é luta no silêncio da igreja...: o espírito que quer voar e a carne que se arrasta; a alma chora por ainda não ver a Deus, e uns olhos que se fecham pelo sono e **pela** vigília.

Senhor, Senhor! ... -murmuram os lábios- "como o veado suspira pelas correntes de água", como o veadinho sedento fareja o ar procurando com que mitigar a sede, assim a minha alma suspira com sede de vida... vida eterna, vida que é espaço e luz, vida na qual essa chamazinha que tenho dentro se dilatará, se inflamará e, a vista do Teu rosto dará mais luz **do** que o **Sol**.

Senhor, Senhor! Como o veado suspira pelas correntes das águas, assim está a minha alma!

Fora do Mosteiro, o **Sol** luta com o resto que fica da noite... Tudo chega e tudo passa... Passarão os frios e as neves, passarão os dias e os anos, passará esta noite e chegará o dia... Tudo consiste em saber esperar, e, no final, quando se acabe a vida, a nossa alma apagará a sua sede na única fonte, que é Deus.

É grande a misericórdia divina quando coloca uma alma neste estado em que tudo contribui **para** elevar o coração muito por cima das coisas criadas e terrenas.

Quando a alma sofre por não ver Deus, que lhe pode interessar o mundo? Quando o espírito se abisma na consideração da eternidade, com que interesse pode olhar o pequeno e limitado tempo da sua vida? Quando o coração suspira

pela pátria do Céu e a sua união com o Eterno, com que indiferença não olhará para este vale de lágrimas que é desterro por pouco tempo?

Nesses momentos, tudo se torna pequeno e desaparece..., esquece-se o mundo, tão ruim e pequeno..., **esquecem-se** os homens tão ocupados nas suas tarefas, lutas e misérias... A alma sofre por ainda se encontrar na terra e, como é natural, não concebe outro apego que não seja ao Céu, que não seja a Deus.

Admira-se de ter procurado, alguma vez, um posto neste lugar tão de passagem e tão sem importância; maravilha-se de que haja pessoas que amam a Deus e que, no entanto, discutem e se inquietam pelo lugar que ocupam ou **hão-de** ocupar neste mundo,

Como resulta pequeno o mundo para quem sente a vertigem do amor de Deus! Que pequeno parece o mundo inteiro, com todos os séculos, **para** quem espera impacientemente a eternidade!... Que mesquinhos resultam os sonhos dos homens que se agitam por conseguir qualquer coisa terrena!

Que importa a saúde?... Que mais dá este ou aquele sítio, ser estimado ou desprezado, pobre ou rico?... Tudo isso é nada para a alma que deveras vive mais do desejo **do** Céu do que das realidades terrenas...

Que bem se compreendem aqueles versos de Santa Teresa:

"Vivo sem viver em mim,
e tão alta vida espero,
que morro porque não morro"

Como deviam ser grandes as ânsias de Teresa de Jesus que a faziam morrer!...

Pobre de mim, infeliz trapista que também padeço uma centelha da grande fogueira do coração de Teresa!

Também eu, na minha pequenez, tenho essas ânsias de vida eterna..., esse "não viver em mim" e esse "morrer porque não morro".

Como é grande a misericórdia de Deus que põe a alma nesse estado!... Até se chega a não sentir o frio, nem sono; o espírito abisma-se **na imensidão** de Deus, no seu amor infinito; a alma extasia-se só de pensar nesse mundo sobrenatural que nos espera no final da vida, no qual não há dor nem lágrimas, em que a nossa única ocupação será gozar de Deus sem nunca mais O poder ofender.

Ânsias de Cristo!

Como não tê-las? Como é possível amar esta vida que nos separa de Deus?

Pensar-se-á que é mais próprio de anjos **do** que de homens suspirar pela vida eterna... É um engano; **quanto** mais homem se é e **mais** humanamente sentimos, mais e com maior ânsia se chora a vida e se deseja morrer.

O veado com sede... é o animal perseguido pelos caçadores... A sua sede nasce do seu contínuo correr pelos montes, alcantilados e brejos; procura com loucura a fonte escondida, onde sabe que encontrará descanso para a sua fadiga, e a água que acalmará os seus ardores... O veado sedento é veado que foge.

Também a alma que procura as fontes de Deus é alma que sofre... O homem que deseja a vida imortal é também homem perseguido, como o veado, por perigos mortais, caçadores que o espiam, misérias que o afligem, paixões que o perturbam.

A alma com desejos de Céu é alma que conhece as suas fraquezas; o homem que procura a fonte de Cristo é porque está sedento, e a sede é própria de homens e não de anjos.

Bem sabe o Senhor que, quanto mais me sinto, luto com a matéria que arrasta para baixo, quando o coração se vê sujeito a tantas coisas, e a minha **alma** sofre com uma dor mais humana que divina, é então quando, ajoelhado diante do Sacrário e no silêncio da noite, gemo e choro como o veado sedento... É então quando vejo que só em Cristo se encontra descanso... Notamos, então quando vejo que o amor que Lhe temos é débil e frágil..., é a chamazinha que apenas cintila... Vemos o nosso nada e a nossa pequenez; vemos egoísmos, e compreendemos que o mundo, ao perseguir-nos com **os** seus caçadores, armadilhas e artimanhas o que faz **é empurrar-nos para** procurar com diligência o que não é mentira, nem engano, o que é amor verdadeiro e felicidade perfeita, o que unicamente pode apagar a nossa sede: Cristo.

Então, quando a alma divisa, de longe, o lugar do seu descanso, quando, em plena escuridão de tudo, compreende que lá no Céu a chamazinha do seu amor a Deus se **há-de** converter em luzeiro poderoso..., quando a alma vê que tudo é pequeno e que Deus é grande..., quando se dá conta de que o que tem é sede, sede de amores divinos, pena de ainda viver..., desejos de vida eterna; então - e não antes - é quando deixa de sofrer e o penar é deleitoso, e tudo desaparece: o mundo, o homem, as trevas e o **Sol...**, todas as criaturas, tudo o que existe se reduz a uma **alma** que olha para o seu Deus e, umas vezes, ri, e outras chora, mas sempre ruminando a mesma oração...

Senhor, Senhor, como o veado suspira pelas correntes das águas!...

Soa, pausado e grave, o relógio da igreja; o frio do amanhecer penetra dentro, muito dentro, mas não importa; é o frio passageiro, de um momento..., de uma vida..., e uma vida é um instante na eternidade..., um instante que apenas merece a nossa atenção.

De "Deus e minha alma"

12 de **Fevereiro** de 1938

Muitas vezes tenho pensado que a melhor consolação é não ter nenhuma; tenho-o pensado e experimentado.

Se a consolação nos vem das criaturas, voltar à desolação torna-se duro e doloroso. E, se a consolação nos vem de Deus..., como é possível depois viver em tanta miséria?...

Que árdua a escalada da vida!

Como fere o trato com os homens!

Que custoso ter de cuidar deste miserável corpo e alimentar-me, dormir e suportar mil fraquezas da carne!

Algumas vezes, tenho sentido, no meu coração, pequenas pulsações de amor a Deus..., desejos d'Ele, e desprezo do mundo e de mim mesmo.

Por vezes, senti a enorme e imensa consolação de me ver sozinho e abandonado nos braços de Deus..., Solidão com Deus! Ninguém que **não a** tenha experimentado pode compreender, e eu não o sei explicar. Mas só sei dizer que é uma consolação que só se experimenta no sofrer...

E no sofrer sozinho..., e com Deus, está a verdadeira alegria.

É um não desejar nada senão sofrer; é um **anseio** muito grande de viver e morrer ignorado dos homens e de todo o mundo..., é um desejo grande de tudo o que é vontade e Deus..., é não querer nada fora d'Ele..., é querer e não querer..., não sei..., não sei **explicar-me...**, só Deus me compreende; embora não saiba a causa, conheço os seus efeitos.

Tudo vai mudando na minha alma!

O que antes me fazia sofrer, agora, é-me indiferente. Em troca, vou encontrando recantos no meu coração que estavam esquecidos e agora saem à luz.

Em primeiro lugar, o que antes me humilhava agora quase me dá vontade de rir.

Já não me importa a minha situação de Oblato no Mosteiro...

Por vezes, olho com certa inveja a Cogula, mas **alegrar-me-ia** se me dessem a capa de Oblato e me tirassem a de Noviço.

Vejo que o último lugar é o melhor de todos; alegra-me não ser nada, nem ninguém, estou encantado com a minha doença que me **brinda com a** ocasião de padecer física e moralmente.

Mas o mais **comum** é que me tenha em cuidados e **nada** me importe, nem a capa, nem a Cogula..., e compreendo que o lugar é o de menos...

A minha doença... que mais me dá comer sozinho que acompanhado, lentilhas ou batatas, passar fome ou sede, ir para **a** direita ou para a esquerda?...

Tudo é igual para mim, só quero amar a Deus e cumprir a sua Vontade...; o que há fora disso é vaidade..., aparência, desejos pueris de homem.

Antes, sofria ao ver-me sozinho.

Bendita esta solidão, Senhor, em que **me** pões... não quero que ninguém me fale; que **podem dizer-me** que Tu não me ensines desde a tua Cruz?

Quando tenho alguma dúvida ou qualquer coisa de que não estou certo; quando a tentação aperta ou me deixo levar **por** alguma fraqueza..., procuro fazer um **acto** de humildade aos pés **da** tua Cruz, e beijar o teu Divino Sangue que escorre **dos** teus pés, pelo madeiro..., pedir-Te **protecção**, ajuda e conselho... O que Tu me inspiras, nesse momento, é isso que eu faço.

Bendita solidão em que só Tu recolhes as minhas penas, em que só Tu recebes as minhas lágrimas, e para quem são exclusivamente os meus fervores, os meus **anseios** de amor, os meus desejos de padecer **um pouco da Tua Cruz**.

Não me queixo de nada, Senhor..., só quero fazer a tua Vontade..., e penso, Senhor, que a cumpro **com uma** obediência humilde. Só pretendo viver uma vida muito simples, sem coisas extraordinárias..., muito oculto aos olhos dos homens o meu amor por Ti..., viver a minha vida de doente na Trapa com o sorriso nos lábios..., fazer com simplicidade o que me mandares, obedecer com

prontidão..., e esconder a todos o pequeno vulcão do meu coração, que gostaria de morrer abraçado à Cruz de Jesus..., os meus desejos de penitência que não posso cumprir...

Quisera dormir na escada..., comer debaixo da mesa do Padre Abade..., andar vestido de saco e uma corda..., quisera, Senhor, emudecer por Ti toda a vida..., e quisera às vezes fazer-me **de** louco e sair a gritar pelos claustros do Mosteiro, arrastar-me aos pés de todos os religiosos..., não sei, Senhor, o que faria se me deixassem... possivelmente nada.

Ah, quem pensa nas brancas Cogulas... quando vejo o meu Jesus despido numa Cruz?

Quem pensa **em ser estimado pelos** homens, quando vejo o meu Jesus esquecido pelos amigos, desprezado e cuspidos pela rua da Amargura?...

Quem pensa em ter prudência quando vemos Jesus com uma capa e um **ceptro** de louco!

Senhor, Senhor, quisera ser esse louco..., e receber as risadas e **os escárnios** que Tu recebeste..., quisera, Senhor, ser esse louco...

Não sei o que digo..., pobre Oblato trapista cuja vida tu queres que transcorra em silêncio, na obscuridade, na simplicidade...

Senhor, faça-se a tua Vontade!

Mas não tardes, Senhor!

Olha que o teu servo Rafael tem pressa em estar contigo, em ver Maria, a tua Santíssima Mãe; em cantar os teus louvores com os Santos e com os Anjos. Ah, Senhor, quanto terei de deixar de comer, dormir, e tratar com todos?

Que linda Profissão vou fazer no dia **da** minha morte!...

Votos eternos de amor...! Para sempre..., sempre!...

Quem pensa na terra e nos homens? Tudo é **efémero**, pequeno, desprezível...

Só Deus..., todo o exterior é vaidade!...

Só Deus!

O tempo e o homem passam..., só Deus!

Só Deus! Só Deus! Que só Deus seja a minha vida, e que Maria, minha boa Mãe, **me** ajude a caminhar neste vale de misérias!...

Assim seja.

13 de **Fevereiro** de 1938

Jesus bendito, como exprimir-Te, Senhor, a grande ternura que a minha alma sente **pela** doçura do teu amor?

Que fiz eu meu Deus, para que assim me trates?

Assim que a minha alma se inunda de profunda amargura, enche-se logo de uma alegria exultante ao pensar em Ti e no que Tu prometeste no fim da jornada.

Que fiz eu Senhor!

Hoje, na Sagrada Comunhão senti a consolação de me ver junto a Ti, num momento em que tudo parece abandonar-me. Quis, Senhor, gravar no teu coração essas palavras que digo todos os dias: "**Não permitas**, Senhor, que me separe de Ti".

Abraçado **à** tua Cruz entrei no Capítulo..., aos pés **da** Cruz tomei o alimento de que precisa a minha natureza..., aos pés **da** tua Cruz ensanguentada, encontro a consolação de escrever estas linhas...

"Não permitas que me separe de Ti".

Esteja eu sempre, Senhor, **à** sombra do lenho duro, **que tenha** ali a minha cela, o meu leito...; tenha eu ali, Senhor, as minhas delícias, o meu descanso no sofrimento..., que regue o solo do Calvário com as minhas lágrimas..., ali, aos pés da Cruz tenha eu a minha oração, os meus exames de consciência...

"Não permitas que me separe de Ti".

Que alegria tão grande a de poder viver ao pé da Cruz!

Ali encontro **Maria**, João e todos quantos O amam.

Ali não há dor, pois ao ver a tua dor, Senhor, quem se atreve a sofrer?

Ali tudo se esquece, não há desejo de gozar, nem ninguém pensa em padecer..., ao ver as tuas chagas, Senhor, só há um sentimento que domina a alma: amor..., sim, amor para enxugar o teu suor, amor para suavizar as tuas feridas, amor para aliviar tanta e tão imensa dor.

"Não permitas que me separe de Ti".

Deixa-me viver ao pé da tua Cruz, sem pensar em mim, sem nada querer nem desejar; unicamente olhar enlouquecido o sangue divino que inunda a terra... Deixa-me, Senhor, chorar **por** ver o pouco que posso fazer por Ti, o muito que Te tenho ofendido, estando longe da tua Cruz...

Deixa-me chorar o esquecimento em que os homens Te têm, até mesmo os bons...

Deixa-me, Senhor, viver aos pés de tua Cruz... de dia de noite, no trabalho, no descanso, na oração, no estudo, no comer, no dormir..., sempre..., sempre.

Que longe vejo o mundo quando penso na Cruz!

Que curto me parece o dia quando o passo com Jesus no Calvário!

Que doce e tranquilo o sofrimento vivido em companhia de Jesus Crucificado!

É muito pouco o tempo desde que conheci a suavidade dos caminhos de Cristo, mas é na Cruz onde sempre tenho encontrado consolação; é na Cruz onde tenho aprendido o pouco que sei; é na Cruz onde sempre tenho feito a minha oração e meditações... Na verdade, não conheço melhor lugar nem consigo encontrá-lo... portanto, aí fico.

Por isso, Senhor, ao ver a Divina Escola da **Tua** Cruz, ao ver que é no Calvário acompanhando **Maria**, onde unicamente posso aprender a ser melhor, a amar-Te, a esquecer-me de mim mesmo, a desprezar-me..., não permitas, Senhor, que me separe de Ti!

Como Deus é bom para comigo!

Isso sim, é que eu não sei como dizer...

Tira-me à força do mundo. Manda-me uma Cruz e aproxima-me da **Tua**... E assim, **é** só esperar..., esperar com fé, com amor, esperar abraçado à **Tua** Cruz.

Ah, a loucura da Cruz!... Quem pudera tê-la!

Ah, se o mundo conhecesse o tesouro da Cruz, como os homens mudariam!

Ah, se Deus permitisse que eu não O ofendesse!

E sempre o faço quando me afasto da Cruz... Como poderia ser feliz, então!

Por isso, Senhor, agarrado a ela com todas as minhas forças, juntando as minhas lágrimas ao teu Sangue, e gritando com gemidos e clamores..., querendo enlouquecer..., enlouquecer pela **Tua** Santíssima Cruz... Ouve-me, Senhor, atende-me e não desprezes as minhas súplicas... Limpa **com a água do teu lado** os meus enormes pecados, as minhas faltas, as minhas ingratidões; enche o meu coração com o teu Sangue Divino e acalma a minha alma que não cessa de clamar.

Concede-me, Senhor, viver junto **da** tua Cruz e não permitas que dela me separe!

Virgem Maria, Mãe das Dores! Quando, olhando para o teu Filho ensanguentado no Calvário, deixa-me que eu humildemente recolha a tua imensa dor, e deixa-me que, embora indigno, enxugue as tuas lágrimas.

Notas:

(*) - no entendí esta frase: que mais da?

(**) también no entendí esta frase: com a água do teu lado

Deberá consultar el original.